



Sobreviventes jovens do Holocausto - Geve, Mozes Kor e Laks: evocações de preces, festas e comemorações judaicas

Young Holocaust survivors – Geve, Mozes Kor and Laks: Evocations of prayers, festivals and Jewish celebrations

Denise Rocha*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

rocha.denise57@gmail.com

Resumo: Reminiscências religiosas judaicas são temas do estudo, “Sobreviventes jovens do Holocausto - Geve, Mozes Kor e Laks -: Evocações de preces, festas e comemorações judaicas”, cujo objetivo é evocar obras memorialísticas testemunhais, elaboradas por sobreviventes do Holocausto, Thomas Geve (Cohn), Eva Mozes Kor e Aleksander Henryk Laks. Nessas obras são mencionadas preces (*Kaddisch*, a oração dos enlutados; e *Shemá*, o rogo a Deus por salvação) e celebrações judaicas (*Sabá* (Sábado), *Chanukah* (celebração do fim do domínio babilônico), *Pessach* (Páscoa judaica), *Iom Kippur* (dia do Perdão) e *Rosh Hachaná* (Ano Novo), além da canção, *Hava Nagila* (“Alegremo-nos”), e da dança coletiva circular, *Hora*.¹ A análise, baseada na perspectiva do testemunho (Seligmann- Silva) e da memória (Halbwachs), apoia-se também nas concepções de ritual e festa (Durkheim).

Palavras-chave: Literatura de testemunho. História. Judaísmo. Campo de concentração. Holocausto.

Abstract: Jewish religious reminiscences are themes of the study, “Young Holocaust survivors – Geve, Mozes Kor and Laks-: Evocations of prayers, festivals and Jewish celebrations”, whose objective is to evoke testimonial memorial works, created by Holocaust survivors, Thomas Geve (Cohn), Eva Mozes Kor and Aleksander Henryk Laks. These works mention prayers (*Kaddisch*, the prayer of the mourners; and *Shema*, the plea to God for salvation) and Jewish celebration (Sabbath (Saturday), *Chanukah* (celebration of the end of Babylonian rule), *Pesach* (Jewish Passover), *Yom Kippur* (Day of Forgiveness) and *Rosh Hachaná* (New Year), in addition to the song, *Hava Nagila* (“Let us rejoice”), and the circular dance, *Hora*. The analysis based on the perspective of testimony (Seligmann-Silva), memory (Halbwachs), is also supported by the concepts of ritual and celebration (Durkheim).

Keywords: Testimonial literature. History. Judaism. Concentration camp. Holocaust.

* Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

¹ As palavras têm grafias diferentes.



Introdução

Nós, crianças, rogamos-Lhe,
nosso Deus, criador do mundo:
conceda-nos uma vida delicada e pura
e cultive, em nós, a bondade.²

A prece, acima mencionada, entoada em forma de cântico, foi incluída no livro de reminiscências, *O sobrevivente*: memórias de um brasileiro que escapou de Auschwitz, de Aleksander Henryk Laks. O rogo a Deus fora ensinado pelo professor de Talmud da yeshivá de Lublin, na escola secreta do gueto de Lodz, na Polônia, desde 1941 até agosto de 1944. Aleksander, conhecido como Heniek, era um adolescente judeu nascido na mesma cidade, em 1927, que viveu dois anos (1944 e 1945) em campos de concentração: Auschwitz, Grossrosen e Buchenwald. O autor recorda a importância vital desse rogo e de celebrações judaicas em épocas terríveis:

Vivíamos uma vida precária, arriscada e tolhida. Não tínhamos comida, liberdade, saúde ou casa. Não tínhamos, nem mesmo, as condições mínimas de sobrevivência. No entanto, o que pedíamos a Deus era pureza e bondade. Perdemos todos os bens materiais, mas não perdemos a dignidade.³

Além da obra do polonês Laks, outras duas narrativas - *O Menino que Desenhou Auschwitz: Uma Poderosa História Real de Esperança & Sobrevivência*, do adolescente alemão Thomas Geve (Thomas Cohn), e *As gêmeas de Auschwitz: a inspiradora história de uma jovem garota sobrevivendo ao inferno*, da criança romena Eva Mozes Kor, - mencionam suas experiências pessoais em Auschwitz em outros campos, sob o jugo insano e cruel do nazismo, nos anos 1943 a 1945. Em tais livros memorialísticos, Geve, Mozes Kor e Laks evocam preces, festas e comemorações judaicas, algumas recordadas nos campos de concentração de Auschwitz.

Em *O diário de Anne Frank (1942-1944)*, a autora alemã, que morava com familiares, em Amsterdã, na Holanda, rememorou o Chanukah, uma celebração religiosa do fim do domínio babilônico, que fora realizada no dia 7 de dezembro de 1942, quando Anne tinha 14 anos:

Chanukah e São Nicolau quase que coincidem esse ano. O Chanukah comemoramos apenas com as velas,⁴ mas, como são

² LAKS; SENDER, 2020, p. 50.

³ LAKS; SENDER, 2020, p. 50.

⁴ Oito velas são acesas em referência às oito lanças de ferro encontradas no templo pelos filhos de Mattathias, depois da vitória contra os sírios (KOLATCH, 1996, p. 309).



agora uma preciosidade, só as acendemos durante dez minutos. Com as velas acesas, cantamos a canção de Chanukah! O Sr. Van Daan montou um lindo candelabro.⁵

Em relação à mesma festividade, comemorada um ano mais tarde, no dia 3 de dezembro de 1943, quando Anne, familiares e outros conhecidos já estavam em um anexo secreto da firma de Otto Frank, na rua Prinsengracht, 263, em Amsterdã, por causa do latente perigo de deportação, a adolescente narrou a seguinte situação:

Mas para que eu também possa aprender alguma coisa nova, o papai pediu ao sr. Koophuis que procurasse uma Bíblia juvenil. Quer que eu conheça o Novo Testamento.

- Quer dar à Anne uma Bíblia para a festa de Chanukah? – perguntou Margot admirada.

- Sim... enfim acho que o São Nicolau será a melhor ocasião para isso. Jesus não liga muito para a festa de Chanukah! – foi a resposta do papai.⁶

Aos 15 anos, a pianista Zuzana Ruzickova foi deportada, em 1941, com familiares de Pilsen, na Tchecoslováquia, para Theresienstadt. Levava consigo um pedaço da partitura da sinfonia *Suíte Inglesa*, de Bach, a qual levou também para Auschwitz, Neuengame e Bergen-Belsen. Em seu livro memorialístico, *Cem milagres*: como a música me ajudou a sobreviver ao Holocausto, Zuzana se recorda de suas idas para celebrar na sinagoga o Rosh Hashaná (Ano Novo), e o Yom Kippur (Reconciliação], bem como das celebrações religiosas organizadas pela avó: a senhora “sempre preparava uma maravilhosa mesa para o Shabat enfeitada com velas prateadas e uma toalha de linho branco. Ela fazia uma deliciosa chalah [pão trançado] e o cheiro de fermento quente, sopa de beterraba e frango assado me transportava àqueles dias”.⁷

Na véspera do Yom Kippur, em setembro de 1941, a mesa foi preparada com prata, porcelana, velas e o livro de orações e, depois, a avó Zdenka sucumbiu à dor: “Celebrou o Dia da Expição da maneira tradicional, foi para a cama, engoliu algumas pílulas e nunca mais acordou. Ela sabia o que estava por vir”⁸

As reminiscências religiosas das narrativas, acima mencionadas, são temas do estudo, “Sobreviventes jovens do Holocausto - Geve, Mozes Kor e Laks -: Evocações de preces, festas e comemorações judaicas”, cujo objetivo do estudo é evocar obras memorialísticas testemunhais, elaboradas por sobreviventes do Holocausto, Thomas

⁵ FRANK, 2021, p. 64.

⁶ FRANK, 2021, p. 107.

⁷ RUZICKOVA; HOLDEN, 2020, p. 37, 39.

⁸ RUZICKOVA; HOLDEN, 2020, p. 92.



Geve (Cohn), Eva Mozes Kor e Aleksander Henryk Laks, nas quais são mencionadas preces (*Kaddisch*, a oração dos enlutados; e *Shemá*, o rogo a Deus por salvação) e celebrações judaicas (*Sabá* (Sábado), *Chanukah* (celebração do fim do domínio babilônico), *Pessach* (Páscoa judaica), *Iom Kippur* (dia do Perdão) e *Rosh Hachaná* (Ano Novo), além da canção, *Hava Nagila* (“Alegremo-nos”), e da dança coletiva circular, *Hora*.⁹ O estudo, baseado na perspectiva do testemunho (Seilmann- Silva) e da memória (Halbwachs), apoia-se também nas concepções de ritual e festa (Durkheim).

1 Judaísmo e celebrações¹⁰

O livro sagrado, a *Torá*¹¹ conhecida também como *Torat Moshé*, a Lei de Moisés, é composto por cinco livros equivalentes aos cinco primeiros livros (Pentateuco) do Novo Testamento, a Bíblia Cristã: *Bereshit* (Gênesis), *Shemot* (Êxodo), *Vayikrah* (Levítico), *Bamidbar* (Números) e *Devarim* (Deuterônimo). Os rolos da Torá estão distribuídos em pergaminhos, os *Sefer Torá*. Na obra, *O Menino que Desenhou Auschwitz* (1943-1945), Thomas Geve mencionou a festividade, “Júbilo da Torá”, bem como os enterros de Torás no cemitério de Weissensee, em Berlim. A leitura principal da Torá ocorre nas manhãs de sábado, um dia sagrado chamado de *Shabat* que se inicia no por do sol da sexta-feira e termina ao anoitecer no sábado. Os preparativos para esta cerimônia é mencionada na obra *O sobrevivente*, bem como em *Cem milagres*.

No ciclo de vida judaico destacam-se cinco momentos: *Britmilá*, as saudações ao nenê de sexo masculino à aliança, por meio do ritual da circuncisão; *Zevedhabat*, as boas-vindas à criança do sexo feminino, na tradição sefardita; *B’naiMitzvá*, a celebração da chegada da maioridade; casamento; e *Shiv’á*, as práticas de luto:¹²*shiv’á*, uma semana, *sheloshim*, um mês, e *avelutyodbetchódesh*, um ano, para aqueles que perderam um dos progenitores.

As festividades judaicas são: *Chanukka*, a celebração do fim do domínio babilônico e a restauração do templo de Jerusalém; *Purim*, a comemoração da salvação do massacre realizado por Hamá, na época do rei persa Assuero; *Sukkot*, rememoração da peregrinação de 40 anos pelo deserto, após a libertação do cativo do Egito (Cabanas); *Simchat Torá*, festividade da entrega dos Dez Mandamentos a Moisés; *Pessach*, Páscoa, o festejo da libertação do povo judeu da escravidão no Egito, cerca de 1300 A.C.; *Shavuot* (Pentecostes, Festas das Semanas ou da das Primícias, das Colheitas), a celebração da revelação da Torá ao povo de Israel, realizada sete

⁹ As palavras têm grafias diferentes.

¹⁰ O conceito judaísmo tem origem no nome do reino de Judá (Palestina) que gerou judeano -aquele que é natural de Judá- e judeu, que é o adepto do judaísmo.

¹¹ KOLATCH, 1996, p. 368.

¹² KOLATCH, 1996, p. 358, 364 e 366.



semanas depois da Páscoa; *Rosh ha-Shana*, a solenidade do Ano-Novo; e *Yom Kipur*, a comemoração do dia do perdão, com jejum de 25 horas para purificação do espírito.¹³

A cerimônia da Chanukka ou Hanukkah é mencionada em *As gêmeas de Auschwitz* e no *Diário de Anne Frank*. O pão matzá da comemoração da Pessach é mencionada em *As gêmeas de Auschwitz*. As celebrações de *Yom Kipur* são recordadas nas obras, *O sobrevivente* e *Cem milagres*, na qual também é evocada a *Rosh ha-Shana*.

Os distintos elementos ritualísticos e socioculturais do judaísmo, que ecoam nas narrativas de Geve, Mozes Kor e Laks, envolvem o ritual, um tipo de cerimônia, enquanto que a festa é uma forma, combinada ou planejada, de celebração de alguma data ou de um fato importante. A comemoração traz à memória um episódio prestigioso. Esses fenômenos religiosos e socioculturais podem ser compreendidos segundo as perspectivas sociológicas de Durkheim.

1.1 Relações entre ritual e festa (Durkheim)

Na obra, *As formas elementares da vida religiosa* (1912), Émile Durkheim (1858-1917) destaca dois aspectos de festividades: 1) os limites entre os ritos representativos e 2) a flutuação dos entretenimentos coletivos, além do “elemento recreativo e estético”, como características de toda religião. Para Durkheim:

[...] a própria ideia de cerimônia religiosa de alguma importância, desperta naturalmente a ideia de festa. Inversamente, toda festa [...] apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado para fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. Assim, de ambas as partes observam-se as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que restaurem o nível vital, etc.¹⁴

A energia do coletivo em festas atinge o “estado de efervescência”, com incentivos como músicas, cantos e cadência de passos, de movimentos de braços, pernas, quadris, como formas de expressão de diversas ocasiões narrativas do cotidiano - nascimento, rito de iniciação de jovens, morte -, vinculados às práticas religiosas, sociais ou guerreiras, etc. Os sons de instrumentos musicais embalam a excitação de

¹³ LANGE, 1997, p. 88 a 91.

¹⁴ DURKHEIM, 1989, p. 456.



energias vitais que desencadeiam paixões mais profundas - cânticos, mímicas e balanços corporais -, com dinâmica ascendente, que podem atingir as raias do ilícito e da transgressão social:

Observou-se muitas vezes que as festas populares levam a excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito, o mesmo se dá com as cerimônias religiosas que determinam uma necessidade de violar as regras normalmente mais respeitadas.¹⁵

Para o sociólogo Durkheim, a função recreativa e a libertadora nas festas religiosas ou profanas coexistem, sendo as principais características dessas manifestações culturais: o reavivar dos laços sociais; a superação das distâncias entre as pessoas; a produção de um “estado de efervescência”; a transgressão de normas coletivas; e o desaparecimento do indivíduo no coletivo.

Na paisagem cultural do judaísmo, a música é executada na liturgia cotidiana ou em comemorações religiosas, comunitárias ou familiares, com destaque para a *Hava Nagila* [*Alegremo-nos*], que foi inspirada em uma canção ucraniana, da região da Bucovina, com texto de Abraham Zevin Idelsohn. Ela foi composta em 1918, a fim de comemorar a Declaração de Balfour (1917)¹⁶ e a vitória inglesa na Palestina, durante a I Guerra Mundial. A *Hava Nagila* é mencionada em *As gêmeas de Auschwitz*.

Na tradição judaica, a dança tem um papel importante, em festas, como o *Purim*, o *Hankkah*, o *Simchat Torah*, e em celebrações religiosas, em matrimônios (a união) e cerimônias de *Bar Mitzvahs* (passagem para a vida adulta). A Hora, originária em países do Leste europeu, é uma dança em círculo, na qual as pessoas seguram as mãos: o início é mais lento e vai aumentando a velocidade até adquirir um ritmo frenético. A Hora é mencionada também em *As gêmeas de Auschwitz*.

Múltiplas perspectivas de festas e comemorações, de acordo com as considerações de Durkheim, refletem-se nas obras literárias a serem analisadas, com destaque para a questão do testemunho do Shoa em campos de concentração: o da criança, a romena Eva Mozes Kor, e o dos adolescentes, o alemão Thomas Cohn (Geve) e o polonês Aleksander Henryk Laks.

¹⁵ DURKHEIM, 1989, p. 456.

¹⁶ É uma carta de Arthur James Balfour, secretário britânico dos Assuntos Estrangeiros, a Lionel Walter Rothchild, líder da comunidade judaica do Reino Unido, para ser transmitida à Federação Sionista da Grã-Bretanha. Esse documento com data de 2 de novembro de 1917 informava a intenção do governo britânico, de ajudar a implementação do Lar Nacional Judeu na Palestina, em caso de vitória da Inglaterra frente ao Império Otomano. (DECLARAÇÃO, s.d., p. 1).



2 Holocausto judeu durante o nazismo

Todo o sofrimento¹⁷ causado ao povo judeu na II Guerra Mundial, que foi tema das memórias de Geve, Mozes Kor e Laks, teve origem no secular antissemitismo europeu, e agravou-se ainda mais com a nomeação de Adolf Hitler, pelo presidente Paul Von Hindenburg, como Chanceler da Alemanha, no dia 30 de janeiro de 1933, e a promulgação de leis antissemitas,¹⁸ que foram agravadas ao longo da Segunda Guerra Mundial, como a obrigatoriedade do uso de uma ligadura no braço ou da estrela de Davi amarela na Alemanha e na Polônia (23 de novembro 1939). Em 1941, ocorreu a nomeação de Heydrich por Goering, a fim de executar a Solução Final (*Endlösung*) para os judeus (31 de julho). No ano de 1942, foi realizada a Conferência de Wannsee, em Berlim, com o estabelecimento das normas gerais para a morte de Judeus europeus (20 de janeiro). Em 1945, nos dias 7 e 8 de maio, foi assinada a rendição da Alemanha.

Cerca de 7.210.350 prisioneiros foram levados para os campos de concentrações administrados pelos alemães, no entanto, somente 530.000 sobreviveram (MACIAS KAPÓN; ROMERO CASTELLÓ, 1996, p. 105). Alguns pessoas conhecidas pereceram

¹⁷ O sofrimento profundo, físico, moral e psíquico, imposto aos prisioneiros dos campos de concentração e de extermínio, levava muitos deles à condição de “muçulmano”, *Muselmann*, um termo utilizado nos KZ (*Konzentrationslager*), a de desamparo total sem esperança, conforme explica Giorgio Agamben em *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*: “Era um cadáver ambulante, um feixe de funções físicas já em agonia” (AGAMBEN, 2008, p. 49).

¹⁸ Em 1933, iniciaram-se as restrições aos judeus: a construção do primeiro campo de concentração, em Dachau (22 de março); o boicote aos negócios e lojas de judeus (1 de abril); e o decreto para afastamento dos judeus do funcionalismo público, do exército e das universidades (7 de abril). Em 1934, ocorreu a proibição do seguro de saúde nacional (1 de maio); em 1935: o decreto do impedimento de servir ou entrar nas forças armadas alemãs (3 de maio); e a sanção das Leis de Nuremberg ou Lei para a Proteção do Sangue e da Honra Alemães (15 de setembro) com a definição de Judeu; em 1936, concretizou-se o veto à prática de medicina em instituições alemãs (3 de março). Na obra, *O Menino que Desenhou Auschwitz*, de Thomas Geve (Cohn), ele menciona que seu pai, o médico Erich Cohn, foi proibido de exercer a profissão e, por isso, ele emigrou para Londres.

Em 1938, aconteceu a organização do cadastro dos bens e das propriedades dos judeus (26 de abril); a Noite de Cristal (*Kristalnacht*) com perseguições de judeus na Alemanha, na Áustria e no país dos sudetos com saldo de 200 sinagogas destruídas, 7500 lojas roubadas, e cerca de 30.000 homens enviados para os campos de concentração de Dachau, Buchenwald e Sachsenhausen (MACIAS KAPÓN; ROMERO CASTELLÓ, 1996, p. 104).



em Auschwitz: as alemãs, Anne Frank (1929-1945) e Edith Stein (1891-1942), filósofa, teóloga e judia convertida ao catolicismo, e Maximilian Kolbe (1894-1941), padre franciscano polonês.

Milhões de judeus e outros povos trabalharam, nos campos de concentração, como escravos sem remuneração, em produções para as corporações alemãs (Thyssen Krupp, IG Farben, Bosch, Daimler-Benz, Demag, Henschel, Junkers, Messerschmitt, Siemens e Volkswagen).¹⁹ A Organização Todt, que atuou no Leste Europeu, construiu pontes, estradas, túneis, bunkers, além de torres antiaéreas, bases militares e campos de concentração.²⁰

Os temas - esconderijo, gueto, trem de deportação, campo de concentração e de extermínio, seleção/triagem, tatuagem, trabalho forçado e escravo, evacuação do campo, marcha, libertação, repatriamento etc. – ecoam nas narrativas estudadas.

2.1 Evocações memorialísticas e testemunhais

Em *A memória coletiva*, Maurice Halbwachs explica que a reminiscência “é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”.²¹ Halbwachs destaca que: “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, na realidade nunca estamos sós”.²²

No estudo, *Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento*, Márcio Seligmann-Silva esclarece o conceito de testemunho e a sua dimensão com a literatura:

O conceito de testemunho desloca o “real” para uma área de sombra: testemunha-se, via de regra, algo de excepcional e que exige um relato. Esse relato não é só jornalístico, reportagem, mas é marcado também pelo elemento singular do “real”. Em um extremo dessa modalidade testemunhal encontra-se a figura do *mártir* – no sentido de alguém que sofre uma ofensa que pode significar a morte –, termo que vem do grego *mártur* e significa testemunha ou sobrevivente (como o *superstes* latino). Devemos, no entanto, por um lado, manter um conceito aberto da noção de testemunha: não só aquele que viveu um

¹⁹ Trabalho forçado, s.d., p. 1.

²⁰ Trata-se de um grupo paramilitar de construção e engenharia criado por Fritz Todt, Ministro do Armamento e Munições do Reich (ORGANIZAÇÃO TODT, s.d., p. 1).

²¹ HALBWACHS, 2004, p. 102.

²² HALBWACHS, 2003, p. 26.



“martírio” pode testemunhar; a literatura sempre tem um teor testemunhal.²³

Para Seligmann-Silva, o testemunho revela “o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade”, ou seja: “Testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (o “real”) com o verbal”.²⁴ Portanto, o testemunho indica uma ambiguidade: a necessidade do sobrevivente em narrar, e a precariedade da linguagem para narrar a dor, as angústias e as perturbações resultantes do trauma.

O testemunho vincula-se à reminiscência da tragédia, que tem caráter individual com ressonância coletiva, evidente nas experiências do Shoah nos campos de concentração, durante a II Guerra mundial, e seus reflexos nas literaturas de testemunho de Geve, Mozes Kor e Laks.

Thomas Cohn (Geve), na Introdução de sua obra, *O Menino que Desenhava Auschwitz*, explicou, que em 1946, um jornalista ficou sabendo de seu projeto desenhado: “instigou-me a colocar meus desenhos em palavras, e foi o que fiz. A escrita me permitiu acrescentar outra camada de expressão aos fatos e às cenas que desenhara”. Ele acrescentou ainda:

As palavras suscitam memórias, experiências, pensamentos, medos, consolações, vitórias, todas partícipes de uma vida durante difíceis anos de guerra. Também permitiram que eu falasse sobre as diversas pessoas que vim a conhecer. A variedade de interação e reação humanas – do desespero à esperança, do derrotismo à coragem, da crueldade à bondade – estava toda lá, e todos foram afetados. Acima de tudo, essas histórias deram voz aos meus camaradas que não conseguiram ver o dia de sua libertação. Meu mundo também foi o deles. Minhas palavras deram vida eterna a suas personalidades e seus sonhos, que pereceram de modo tão injusto e antecipado.²⁵

Eva Mozes Kor em, *As gêmeas de Auschwitz*: a inspiradora história de uma jovem garota sobrevivendo ao inferno, acentuou na *Dedicatória* que suas memórias eram uma forma de homenagem para seus familiares e “às crianças do mundo que sobreviveram à negligência e ao abuso, pois quero honrar a sua luta para superar o

²³ SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 46. Grifos do autor.

²⁴ SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 46. Grifos do autor.

²⁵ GEVE, 2023, p. 12.



trauma de terem perdido a infância, a família e o sentimento de pertencimento a uma família”.²⁶

Aleksander Henryk Laks em, *O sobrevivente*: memórias de um brasileiro que escapou de Auschwitz, declarou que o pai moribundo lhe disse: “- Se você sobreviver, conte tudo o que aconteceu conosco. Conte sempre, ainda que não acreditem”, e concluiu: “Sigo cumprindo a missão que recebi de meu pai: eu conto. Vou às escolas e universidades para dar o meu testemunho da atrocidade nazista. Cada vez que conto, revivo todos os sofrimentos que senti na época, mas apesar de toda a dor, não deixo de contar”.²⁷

3 O menino que desenhou Auschwitz (1943-1945), de Thomas Geve

Após a libertação de Buchenwald (1945), Thomas Cohn permaneceu dois meses no campo e recomeçou um projeto de desenhos que resultou em mais de 80 ilustrações; seus primeiros desenhos foram feitos em 1944, em Auschwitz. No ano de 1947, ele escreveu uma narrativa complementar que foi publicada como *Youth in Chains* (1958), republicado como *Guns & Barbed Wire: A Child Survives the Holocaust* (1987). Cohn escreveu também *Es gibt hier keine Kinder. Zeichnung eines kindischen Historikers* (1997); e *Auf brüche. Weiterleben nach Auschwitz* (2000).

No ano de 2021 ocorreu a publicação *The Boy Who Drew Auschwitz: A Powerful True Story of Hope and Survival*, que foi traduzida para a língua portuguesa como *O menino que desenhou Auschwitz: uma poderosa história real de esperança e sobrevivência*.

A narrativa memorialística tem a seguinte estrutura: Prefácio; Introdução; Prólogo; Parte 1 (Capítulos 1 a 4), Parte 2 (Capítulos 5 a 10), Parte 3 (Capítulos 11 a 13) e Parte 4 (Capítulos 14 a 18); Epílogo; Notas de Charles Inglefield. Notas biográficas. Agradecimentos e Índice.

O autor evoca sua vida desde o nascimento: Thomas Cohn (Geve), filho único de Erich Cohn, médico formado na Universidade de Freiburg, e de Berta, nascida Goetze, veio ao mundo em 27 de outubro de 1929, em Settin, e viveu em Beuthen (hoje Bytom, na Polônia). No ano de 1939, a família se mudou para o apartamento dos avós maternos, em Berlim. Erich, por ser judeu, perdeu sua licença profissional, em 30. de setembro de 1938, e embarcou para Londres. Thomas frequentou a escola judaica na Ryke Strasse, ao norte de Berlim, e a escola mista na Grosse Hamburger Strasse. Em 1942, as instituições de ensino dos judeus foram fechadas. Os alunos tinham quatro opções: trabalho na enfermagem do hospital, em restaurante, em escritórios da comunidade, e na jardinagem de cemitério. Aos 13 anos, o menino Thomas assumiu a conservação de túmulos de judeus no cemitério

²⁶ MOZES KOR; BUCCIARI, 2023, p. 7.

²⁷ LAKS; SENDER, 2023, p. 126 e 165.



Weissensee. Depois de um ano, ele começou a trabalhar em uma padaria na Grenadier Strasse, e a mãe Berta trabalhava na montagem de bobinas em miniatura para velocímetros.

No final de fevereiro de 1943, os dois foram presos, e levados para um campo de detenção improvisado. Thomas recorreu ao rabino, Martin Risenburger, do Comitê de Apelações, e implorou por um trabalho. No único escritório remanescente da comunidade judaica, na Oranienburger Strasse, ele foi registrado como trabalhador comum, coveiro, no cemitério Weissensee.

Thomas e sua mãe se entregaram às autoridades, como candidatos aos campos de trabalho no Leste, e seguiram no Transporte 39, um dos últimos saídos de Berlim. Os 12 vagões, que tinham 346 judeus, chegaram no dia 29 de junho de 1943, em Brzezinka (Birkenau), perto da cidade de Oswiecim (Auschwitz). Na chegada foram mortos 136 e 210 foram admitidos no campo: 117 eram homens e 93 eram mulheres.²⁸ Thomas foi identificado com o nº 127003 e Berta com 47542. O menino entrou como voluntário na Maurerschule, a Escola de Pedreiros, de Auschwitz, para construções de edifícios etc. nos campos de concentrações. Sua mãe foi levada para trabalhar como mecânica, trabalho escravo não remunerado, na fábrica de metal do Sindicato (DAW- Deutsche Ausrüstungswerke) e vivia no Bloco 2 do campo feminino de Birkenau. Ela, que atuava também como intérprete de alemão, conseguiu enviar para o seu filho, por meio de Pole,²⁹ uma carta com gratulações pelo seu aniversário de 14 anos.

Apesar das ofertas generosas de comida, o faminto e bem apessoado Thomas se negou, duas vezes, em ocasiões diferentes, a ter relações homossexuais. Operado de um abcesso no pescoço, ele seguiu nas atividades de construções até a evacuação do campo em janeiro de 1945, com a marcha a pé, por 65 Km. pela neve, até Loslau (atual Wodzislaw Slaski, na Polônia), onde entraram em vagões de gado rumo ao Oeste: Breslau, Campo de Concentração de Gross-Rosen, Leipzig, Weimar até o Campo de Concentração de Buchenwald, onde recebeu o nº. 127158.

No dia 11 de abril de 1945, Buchenwald foi libertado por um contingente da infantaria norte-americana. Thomas, que ficou dois meses no campo, para recuperar a saúde, elaborou cerca de 80 desenhos sobre os 22 meses passados nos campos: as narrativas visuais se encontram, sob custódia do Museu Yad em Jerusalém.

O jovem de 15 anos aceitou um convite do governo suíço para uma estadia de seis meses, inicialmente, no Institut Prealpine pour Jeunes Gens, em Felsenegg, no topo da

²⁸ GEVE, 2023, nota, p. 62.

²⁹ Józef Cyrankiewicz, um dos membros da resistência, que ajudou no contato de Thomas e Berta, tornou-se o primeiro-ministro da Polônia. (GEVE, 2023, p. 298)



montanha Zugerberg, e depois com a família Liebetraus, em Rheinfelden.³⁰ No dia 17 de novembro de 1945, Thomas Cohn pegou um vôo para Londres, onde se reencontrou com o seu pai que, após a constatação da morte de Bertha em Birkenau, casou-se e concebeu Judith. Formado em Engenharia, o jovem se mudou para Haifa, em Israel, onde serviu como oficial no Regimento de Engenharia. Atuou como Engenheiro Civil e Arquiteto, casou-se, em 1963, e tem 3 filhos.

Na obra *O Menino que Desenhou Auschwitz*, o autor rememora, que, em Beuthen, ele começou, aos 6 anos, em 1936, a frequentar a escola judaica, o parquinho do cemitério judaico na Piekarska Strasse e o Bar Kochba, o clube sionista de esportes. Nessa época, na qual o antissemitismo crescia, as tradições eram mantidas:

Anualmente, o festival de “Júbilo da Torá” era celebrado em nossa sinagoga. Acompanhadas pelo som do órgão, as crianças (usando suas melhores roupas e lançando bandeirinhas coloridas) seguiam lentamente os rolos do Torá conforme eram carregados ao redor do templo. Éramos recompensados com a tradicional distribuição de doces e chocolates.³¹



Figura 1 – Rolos de Torá, *Sefer Torá*

Fonte: <https://www.significados.com.br/tora/>

No final de fevereiro de 1943, Thomas e sua mãe Berta foram detidos e o menino de 13 anos recorreu ao rabino, Martin Risenburger, em busca de uma colocação: ele tornou-se um coveiro, no cemitério Weissensee, onde ficou abalado por ter que ocultar na terra os rolos do livro sagrado do Judaísmo:

Quando tínhamos tempo, ajudávamos a enterrar os rolos da Tora, conforme exigia-se pela lei religiosa. Esses rolos eram enviados ao cemitério Weissensee vindos de sinagogas em toda a Alemanha. Não sobrara ninguém para cuidar daqueles rolos ricamente ornamentados, por mais sagrados que possam ter sido. Centenas deles eram carregados a uma vala comum, para que recebessem um funeral apropriado. Isso marcou o fim de uma era.³²

³⁰ GEVE, 2023, p. 287.

³¹ GEVE, 2023, p. 25 e 26.

³² GEVE, 2023, p. 49.



Nessa época, Thomas e sua mãe viviam em um quarto na casa da família de sua colega de trabalho, Eva-Ruth Lohde, que tinha 14 anos;³³ a residência estava localizada na Konstanzer Strasse, perto da Kurfürsten Damm. Logo depois, os dois foram aprisionados e levados, novamente, ao campo de detenção da Grosse Hamburger Strasse, para o qual foi levado um grupo de sionistas, oriundo de uma fazenda alemã que fora transformada em prisão: “Todas as noites, eles organizavam grupos de discussão, cantavam músicas sentimentais e até dançavam a Horah. De onde surgia seu entusiasmo é algo que foge à minha compreensão; o mesmo quanto à técnica de seus felizes passos de dança”.³⁴



Figura 2 – Hora, dança circular

Fonte: <https://israelemcasa.com.br/hora-a-danca-folclorica-israelense/>

4 As gêmeas de Auschwitz(1944-1945), de Eva Mozes Kor

A obra, publicada em 2020 na Grã Bretanha, tem como subtítulo “a inspiradora história de uma jovem garota sobrevivendo ao inferno”. Elaborada em parceria com Lisa R. Buccieri, a mesma está dividida em 14 capítulos sem títulos, com o Epílogo de Eva, Posfácio de Peggy Tierney e Nota de Lisa R. Buccieri, na qual esta destaca: “Eva sempre soube que a sua história era importante para o aprendizado dos jovens” e “O maior sonho de Eva era o de que seu livro fosse usado em escolas para ensinar os jovens acerca do Holocausto e servisse de inspiração para que suas lições fossem usadas em suas próprias vidas”.³⁵

Eva Mozes Kor evoca a trajetória de sua família: O casal Alexander Mozes e Jaffa, nascida Hersh, formava a única família judia no vilarejo de Portz, Transilvânia, na Romênia, perto da fronteira com a Hungria. Eles falavam iídiche e tinham as filhas Edit, Aliz e as gêmeas, Eva e Míriam, que nasceram em 31 de janeiro de 1934. Moravam em uma ampla residência de uma fazenda, que tinha vacas, ovelhas, galinhas, gansos, vinícola, horta, pomar, e produzia trigo, milho, feijão e batatas. Em 1935, Alexander e seu irmão Aaron foram presos pela Guarda de Ferro, sob alegações falsas de não pagamento de impostos. Tratava-se do agravamento de atitudes

³³ Eva-Ruth (1929) e sua mãe foram enviadas para Theresienstadt, em 30 de junho de 1943, e para Auschwitz em 15 de maio de 1944. A menina morreu no dia de sua chegada, e a genitora faleceu durante o Holocausto (GEVE, 2023, p. 298).

³⁴ GEVE, 2023, p. 54.

³⁵ BUCCIERI in GEVE, 2023, p. 151.



antisemitas e, por isso, eles viajaram para a Palestina, a fim de observarem a possibilidade de mudança. Após o retorno, Aaron e sua esposa venderam todas as suas propriedades e emigraram, no entanto, Jaffa decidiu ficar, alegando que não queria viver no deserto.³⁶

No ano de 1940, o governo húngaro de Miklós Horthy, aliado de Hitler, recebeu dele a parte mais ao norte da Transilvânia e, por isso, Portz foi ocupada por nazistas húngaros. As gêmeas começaram a ser hostilizadas na escola, com xingamentos, cuspes e tiveram que assistir ao filme curto *Como pegar e matar um judeu*.³⁷ No final de setembro de 1943, a família tinha planos de fuga, para cruzar a fronteira do lado não húngaro da Romênia, mas, ao sair de sua propriedade rural, foi presa por um sentinela adolescente que os reconduziu à residência.

Em março de 1944, a família Mozes foi transportada para o gueto regional de Cehei, localizado perto do rio Barcau, em Simleu Silvaniei, na área romena da Transilvânia. O patriarca foi interrogado para entregar ouro e prata, que não tinha. Foi torturado com chibatadas e teve as unhas dos pés e das mãos queimadas com chama de vela. A mãe lamentava muito ter recusado a mudança deles para a Palestina. Algumas pessoas não judias deixavam comida e outros suprimentos às margens do gueto.

Em maio de 1944, os guardas alemães avisaram que todos iriam para um campo de trabalho na Hungria. Em uma viagem de trem com duração de quatro dias, sem água e alimentos, com partida de Simleu Silvaniei, por Kosice, eles chegaram em Auschwitz. Nesse campo, as meninas receberam tatuagens no antebraço: Eva teve o número A7063 e Miriam A7064. Elas foram recrutadas pelo médico Josef Mengel, como cobaias humanas, para experimentos na genética e na eugênia de gêmeos, com medição da cabeça, dos lóbulos da orelha, do dorso do nariz, dos lábios, e a amplitude, o tamanho e a cor dos olhos. As crianças gêmeas tinham privilégios de usar a própria roupa e de manter o cabelo curto. Eva recebeu uma estranha injeção, que provocou febre alta e semanas de sofrimento, provavelmente, por bérberi ou febre maculosa.³⁸

No dia 27 de janeiro de 1945, o exército soviético liberou o campo de concentração, no qual foram encontradas 180 crianças com maioria de gêmeos. Eva e Miriam foram enviadas para a cidade de Katowice, na Polônia, inicialmente, para o orfanato do Mosteiro e depois para um campo de deslocados, onde se reuniram com suas conterrâneas, sobreviventes de Auschwitz: a sra. Goldenthal e seus filhos gêmeos, Alex e Erno, e a sra. Csengeri e suas filhas gêmeas, a qual costurou grandes túnicas cáquis dos russos, vestidos para Eva e Miriam. De Katowice, todos seguiram

³⁶ MOZES KOR, 2023, p. 18.

³⁷ MOZES KOR, 2023, p. 24.

³⁸ MOZES KOR, 2023, p. 68.



de trem para Czernowitz, perto da fronteira da Romênia, onde permaneceram, cerca de quatro semanas, em um tipo de campo ou gueto. A viagem seguiu para um campo de refugiados internacionais em Stutsk, perto de Minsk, na União Soviética, local no qual ficaram muitos meses. Agrupados por país de origem, eles seguiram um percurso para a Romênia: em Nagvãrad (Oradea) ficaram a sra. Goldenthal e filhos; e em Simleu Silvaniei desceram a sra. Csengeri e filhas, bem como Eva e Míriam.

As gêmeas embarcaram para Portz, a vila natal, e chegaram na fazenda da família. O mato estava alto, a casa fora totalmente pilhada e somente encontrava-se a cahorrinha Lily. Eva encontrou três fotos delas amassadas no chão. O primo Schmilu, sobrevivente de Auschwitz, que morava em um local próximo, apareceu mais tarde, pois tinha sido avisado pela tia Irene da chegada delas, em rastreamento pela Cruz Vermelha. De 1945 a 1950, as meninas viveram em Cluj, no apartamento luxuoso de Irene, que tinha realizado trabalho escravo em uma fábrica de bombas na Alemanha, e perdera marido e filho em um campo de concentração.

Aos dezesseis anos, as adolescentes chegaram com a tia Irene em Haifa, Israel. Eva e Míriam foram viver no *Youth Aliyah Villages*, as fazendas comunitárias, onde viveram dois anos. Em 1952, elas serviram ao exército israelense: Míriam formou-se em enfermagem e Eva, sargento-mor, tornou-se projetista de plantas de edifícios e de máquinas. Ela se casou, em 1960, com um turista dos EUA, Michael Kor, emigrou para Terre Haute, Indiana, e teve dois filhos.³⁹

Eva Mozes Kor narra, em sua obra testemunhal, que sofria pelo fato do genitor exteriorizar sua insatisfação em não ter gerado um filho:

Meu pai, um judeu religioso, sempre quis ter um menino, porque à época apenas um filho podia participar da adoração pública e entoar o *Kaddish*, a oração dos enlutados para os judeus, quando alguém morria. Mas papai não teve um menino, sóa mim e minhas irmãs. Como eu era a mais nova das gêmeas e a última filha, ele muitas vezes me olhava e dizia: “Você deveria ter sido um menino”.⁴⁰

Durante a travessia dos judeus para um suposto campo de trabalho, iniciada no vilarejo de Portz, na Transilvânia, Romênia, perto da fronteira com a Hungria, as pessoas confinadas oravam, quando já estavam na Polônia: “Aqui e ali alguém

³⁹ Eva fundou um pequeno Museu do Holocausto (1995), que se transformou no CANDLES Holocaust Museum and Education Center (1995). Ela foi tema do documentário *Forgiving Dr. Mengele*.

⁴⁰ MOZES KOR, 2023, p. 15 e 16.



tentava recitar a *Shemá*,⁴¹ prece hebraica para que Deus nos ouça, para que nos salve”.⁴² No quarto dia de viagem, na chegada em Auschwitz, o genitor retomou as orações⁴³:

O alvorecer finalmente chegou, era a hora em que papai fazia suas preces matutinas. Sacou seu livre de preces e tentou descobrir para qual direção ficava o leste, isso porque judeus oram na direção de Israel, que fica no Oriente Médio. Eu me perguntava como ele podia orar num momento como aquele.

- Papai – eu disse -, nós não sabemos onde estamos. Eles mentiram para nós. Não estamos num campo de trabalho.

- Eva, temos de orar a Deus por misericórdia – disse papai . – Venha comigo.⁴⁴



Figura 3 – Celebração de Chanukah

Fonte: <https://www.shutterstock.com/image-photo/happy-hanukkah-jewish-holiday-menorah-600nw-2340309635.jpg>

Na noite de de outubro de 1944 ocorreu a explosão do Crematório IV em Birkenau: os responsáveis eram judeus do *Sonderkommando*, forçados a incinerar corpos de colegas prisioneiros, que conseguiram a ajuda de meninas judias, escravas na fábrica de explosivos. Apesar desse ato de sabotagem contra os nazistas, Dr. Mengele continuou com os seus experimentos. Os grupos de gêmeos foram transferidos para o campo dos ciganos, em Birkenau, que tinham sido levados para as câmeras de gás. No início de janeiro de 1945, os guardas do SS organizavam a evacuação do campo, mas Eva e Míriam permaneceram ali. Quatro nazistas com metralhadoras retornaram, explodiram o crematório e um edifício chamado de Canadá, repleto de pertences dos judeus, incendiaram o barracão, onde elas estavam com outras pessoas, e organizaram uma marcha de prisioneiros para Auschwitz. Era inverno, na multidão,

⁴¹ “Schema Israel”, Ouça, Israel”, é o nome de uma fórmula confessional, e de uma oração obrigatória diária, realizada duas vezes (5. Livro de Moisés, 6, 4-5). (KOLATCH, 1996, p. 366).

⁴² MOZES KOR, 2023, p. 36.

⁴³ *Sidur* (ordem das orações) são os livros para o cotidiano e para o *Sabbat*, e *Machsor* (ciclo de orações) é o livro para os dias festivos (KOLATCH, 1996, p. 168).

⁴⁴ MOZES KOR, 2023, p. 36.



as gêmeas se perderam e se reencontraram depois de 24 horas: “Afundei em seus braços, sentindo-me como se fosse o Hanukkah [Chanuka]. Era um milagre”.⁴⁵

Novamente os nazistas batiram em retirada, e Miriam estava com os pés congelados. Durante 9 dias, Eva, com 11 anos de idade, e outras mulheres procuravam comida: elas arrombaram locais de armazenamento, moradias dos membros dos SS e a residência- sede nazista, onde encontraram alimentos sobre a mesa. A menina pegou um pedaço, mas o deixou, pois tinha medo de estar envenenada. Outra vez, elas comeram chucrute e pão, e seguiram à busca de mais mantimentos:

Dessa vez, estávamos habilidosas em vasculhar algo para comer. Eu havia organizado um lenço, e ele se tornou uma ferramenta mais preciosa. Num porão, nós nos deparamos com uma enorme pilha de farinha. Estendi meu lenço quadrado e o enchi com um tanto da farinha. De volta ao barracão, misturamos a farinha com algum líquido e assamos um bolo em cima do forno. Era como o pão ázimo que os judeus tinham comido quando, na Bíblia, tiveram de deixar o Egito às pressas, sem tempo de esperar que o pão crescesse. Era o matzá da Páscoa judaica⁴⁶ no campo de concentração.⁴⁷

No final da guerra, Eva e Miriam emigraram para Israel e foram viver em uma fazenda coletiva com tarefas específicas:

Naquela noite e em cada sexta-feira à noite, todos os jovens se reuniam numa enorme sala de jantar para saudar o Shabbat, o Saba judaico. Havia velas e vinho nas mesas. Todos nós vestíamos camisas brancas. Duas garotas foram designadas a mim e a Miriam como “irmãs mais velhas” e fizeram com que nos sentíssemos em casa.

Após as orações, todo mundo começou a cantar e a dançar a *hora*. Mas eu não sabia como. Será que eu consigo dançar isso?, eu me perguntava. Minha irmã mais velha pegou na minha mão. A irmã mais velha de Miriam pegou na dela, e todos se deram as mãos e formaram um círculo. Dançamos para a direita, e eu não conhecia os passos, mas fui acompanhando. Com os braços erguidos para o alto, dançamos juntos, garotos e garotas, todos nós cantando “Hava Nagila”. Rindo, dançamos,

⁴⁵ MOZES KOR, 2023, p. 84.

⁴⁶ O matzá, mazza ou mazzoté um pão ázimo, sem fermento, que faz parte da culinária da Pessach, a Páscoa judaica, que celebra a saída do Egito. Em *Êxodo* 12: 15 consta que Deus ordenou aos israelitas (judeus e samaritanos) que comessem esse tipo de alimento durante os sete dias do Pessach.

⁴⁷ MOZES KOR, 2023, p. 87.



rodando e rodando, e mais e mais rápido. Eu dançava a *hora* e estava cheia de alegria. Miriam e eu finalmente éramos parte de uma nova, grande e acolhedora família.⁴⁸

5 *O sobrevivente*(2000), de Aleksander Henryk Laks (1925-2015)

No ano de 2000, Laks, em colaboração com Tova Sender, organizou a obra que tem como subtítulo: “memórias de um brasileiro que escapou de Auschwitz”. Na Apresentação, o Pe. Jesus Hortal Sanches destacou: “Não é uma crônica do Holocausto, nem um relato completo da tragédia do povo judeu. É apenas o resumo de uma vida resgatada das garras frias da crueldade, do sadismo e da estupidez humana”.⁴⁹Laks participou da obra organizada por Samanta Obadia, *Mengele me condenou a viver: A vivência e as sequelas de Aleksander Henryk Laks após o holocausto* (2012). A sua história de superação foi publicada na antologia *Sou Feliz, Acredite!*, das jornalistas Mônica Bernardes e Mauro Tertuliano. No ano de 2013, ele participou do documentário *O Relógio do Meu Avô*, de Alex Levy-Heller.

Em *O sobrevivente*, Aleksander Henryk Chaim Benzion Cale, conhecido por Heniek, evoca sua vida na Polônia: Filho único de Jacob e Syma Laks, ele nasceu no dia 28 de outubro de 1926, em Lodz. Depois da guerra ele adotou o sobrenome materno. Após o falecimento de sua mãe, em 1931, o pai se casou com Balcia Leser. O genitor era membro ativo do partido político judaico Poalei Sion Smal.⁵⁰ Posteriormente, os judeus religiosos tiveram as barbas arrancadas pelos nazistas, inclusive o avô de Heniek, que foi o primeiro membro da família a morrer na câmara de gás, em Chelmno. No gueto de Lodz, o menino trabalhou na confecção de uniformes, de pregos e como ferramenteiro.

A família, que se entregou, voluntariamente, aos nazistas, em 1944, chegou em Auschwitz, onde o jovem de 17 anos ouviu, que a única saída de lá seria pela chaminé. Ele, que recebeu um número impresso em tecido, costurado na camisa, dormiano chão engavetado: um se colocava entre as pernas abertas do outro, de costas, e tinha que se deitar em fileiras, sem se mexer.⁵¹ Alguns foram transferidos para um campo externo de Grossrosen, Wüstegiersdorf, no qual um jovem nazista, sem motivos, arrancou dois dentes de Heniek. No outro campo, Kaltwasser, o adolescente e seu pai executaram trabalho escravo para a firma Organização Todt, responsável pela construção de fortificações, casamatas, muros, trincheiras, barreiras de cimento e outros obstáculos para conter a passagem de tanques inimigos.

⁴⁸ MOZES KOR, 2023, p. 118.

⁴⁹ LAKS, 2020, p. 11.

⁵⁰ LAKS, 2020, p. 22.

⁵¹ LAKS, 2020, p. 98.



No trabalho, ao relento na floresta, o mestre de obras, um marceneiro alemão de certa idade, mostrava humanidade. Certo dia, na atividade de cavar valas, um soldado jogou um pão para Heniek, que o pegou primeiro, mas foi derrubado por outros prisioneiros. Os guardas atacaram com baionetas e o adolescente, ao se defender com os braços sob a cabeça, teve alguns dedos cortados, bem como recebeu uma coronhada no nariz. As sequelas foram permanentes: cicatrizes e dificuldade para respirar. Em Kaltwasser, o genitor Jacob pegou uma bituca de cigarro no chão e foi barbaramente espancado. O guarda violento foi severamente repreendido pelo mestre de obras.⁵² Na construção do campo Lerche, o chefe perguntou o motivo do pai e do filho estarem ali, e ficou surpreso ao saber que foram presos por serem judeus. Esse senhor, que deixava escondido pão, restos de comida e até mesmo uma batata cozida para eles, entrevistou várias vezes para impedir as mortes de prisioneiros.⁵³ Na véspera de Natal de 1944, os detidos aguardavam o recebimento de pão e sopa, em dobro, conforme combinado, mas nada receberam. Enquanto estavam expostos ao inverno rigoroso, o comandante, apelidado de Sau, chegou bêbado e declarou todos, como assassinos de Jesus e, por isso, deveriam ser exterminados, mas estavam sendo poupados por causa dos trabalhos ainda não concluídos na construção das fortificações.

No início de 1945, com o avanço dos russos, os prisioneiros foram colocados, por estradas secundárias, a caminho do interior da Alemanha. Viram alemães civis, em fuga, com pertences em carroças. Em uma cidade desconhecida, eles adentraram em uma antiga fábrica de munição, em área cercada por arame farpado, onde trabalhavam não-judeus e judias. Começaram a gritar por sobrenomes na tentativa de localizar parentes ou conhecidos, e o comandante conduziu todas as mulheres para o pátio. Ele perguntou se algum prisioneiro reconhecia alguém: um dos rapazes afirmou e o comandante pediu que se olhassem e terminou atirando na cabeça da moça. Em uma fábrica na Silésia, os prisioneiros foram divididos em dois grupos: um ficou na fábrica e o outro, o do depósito, seguiu a marcha. O primeiro foi libertado logo depois pelos russos. Heniek e o pai estavam no segundo grupo que ficou três meses em fuga. O genitor não aguentava mais e se recusou a levantar, mas outro prisioneiro, exigiu que ele se erguesse e o colocou no meio deles para continuar. A viagem continuou em trens rumo a Tchecoslováquia. Na entrada dos prisioneiros nos vagões, um soldado da SS apanhou um pedaço de madeira e começou a bater para ter mais espaço. Heniek recebeu uma pancada no supercílio e, por causa do hematoma, teve medo de ser selecionado para a morte. Na campo de Flossenbürg, eles encontraram judeus, holandeses, comunistas e oficiais do Estado-Maior russos, espanhóis republicanos, prisioneiros políticos, Padres e Testemunhas de Jeová. A

⁵² LAKS, 2020, p. 112.

⁵³ LAKS, 2020, p. 116.



numeração era com tinta vermelha, inscrita na testa. Nesse local havia uma epidemia de disenteria que vitimou o pai Jacob no bloco das latrinas. Apesar da proibição, Heniek recebeu ajuda para retirar o corpo paterno e colocar no espaço reservado para os cadáveres que foram incinerados em uma pira.

Os prisioneiros foram novamente evacuados em trens. Em Offenburg, que fora bombardeada, ele tinham que limpar os escombros. No quartel de canhões antiaéreos, onde estavam os prisioneiros, Heniek conheceu Lolek que partilhava com o colega comida, fruta e legume que conseguia. Um prisioneiro russo denunciou Heniek a um ajudante, um Kapo, de ter colocado um piolho em cima da mesa. Nada foi encontrado e o acusador foi esbofeteado. A viagem seguiu para o campo de trabalho Donaueschingen., rumo ao lago Konstanz, onde deveriam ser afogados. No meio do caminho, o comboio foi bombardeado e os prisioneiros correram para um bosque. À noite, todos foram, a pé, para o campo de concentração Tuttlingen. Na cidade, a população civil chorava diante da pavorosa visão de pessoas esqueléticas e esfarrapadas e, por isso, ela jogava pães e frutas para os prisioneiros. Heniek, com 28 kg., nada pegou, pois estava na condição melancólica de Muselmann. Eles foram reconduzidos a um trem de passageiros e o jovem, com os pés inchados, com ferida aberta no calcanhar, fedido e piolhento, esperava a morte. Apesar de os trilhos terem sido dinamitados, o comboio chegou à estação de Immendingen. Sentado e exaurido no vagão, Heniek cobriu sua cabeça, mas foi encontrado por um homem estrangeiro, o qual lhe trouxe uma caneca de leite e colocou gotas na sua boca entreaberta.⁵⁴

A fuga dos alemães e a chegada dos franceses fora anunciada e alimentos - arenque e açúcar - foram distribuídos. O rapaz conseguiu somente roupas civis e sapatos. Havia um trem cheio de notas de 20 marcos, mas fora falsamente anunciado que eram falsas. O exército francês se apossou do dinheiro, e apenas deu aos prisioneiros carvão para combate de diarreia, nada de alimentos, nem de medicamentos. Dois judeus sefaradim marroquinos, um argelino e outro francês, foram levados. O segundo recebeu farda e armamento. Alemães retornados tiraram os prisioneiros do trem para fuzilamento, com a falsa acusação de cometimento de saque de residências. Um padre, um pastor e um civil rogaram por clemência, afirmando que os prisioneiros estavam muito fracos, incapazes de andar. Heniek recebeu de um francês, um pedaço de queijo. Durante um bombardeio, um grupo tentou se esconder, mas o jovem recebeu um tiro na coxa. Não conseguiu atendimento médico no hospital. Um francês intermediou e ele recebeu um simples esparadro na terrível ferida.

Após a libertação, Heniek, aos 17 anos, e outros quatro rapazes, rogavam, a cada três dias, por esmolas em fazendas e granjas. Em certa ocasião, ele pediu cascas de

⁵⁴ LAKS, 2020, p. 143 e 144.



batatas, em Immendingen, e a senhora lhe deu batatas. O colega Lolek enlouqueceu, gritava que os alemães estariam chegando, foi levado em uma ambulância e desapareceu. O grupo se separou e Heniek conheceu o russo Afanazi. Seguiram para a zona americana, em Leipzig, que passou a pertencer à zona russa. Ambos foram conduzidos a Zeithem, perto de Dresden, a um campo de triagem, no qual foram feitos registros de sobreviventes. O jovem foi apresentado a dois russos judeus, o comandante do campo e um médico, que o aconselharam a não emigrar para a União Soviética. Com um polonês, Heniek seguiu para Praga, onde recebeu tratamento médico e conheceu Victor Dorman, Jacob Janek Birenhak e Chaim Kalfus. De Praga, eles seguiram para Bucareste e Pilsen, uma zona americana, onde receberam a UNRRA (United Nations Relief Rehabilitation Administration).

Heniek começou uma pequena vingança: não fumante, ele pegava um cigarro, dava pequenas tragadas e jogava no chão, alemães corriam para pegar, e ele pisava nas bitucas.

Posteriormente, eles pegaram um trem, acordaram em Bergen- Belsen, zona inglesa, onde foram polvilhados com inseticida em pó, apropriada para a lavoura. Heniek reencontrou sua antiga ama de leite, a sra. Buchman que emigrou para Israel. De Bergen- Belsen, o grupo seguiu para Zeilheim, zona americana, perto de Frankfurt. Embora tivesse uma tia, no Rio de Janeiro, Aleksander Henryk decidiu partir para o EUA, embarcou no navio *Marine Marlin*, às custas do Comitê Judaico e do Idisher Arbaiter Comitet, o Comitê dos Trabalhadores Judeus, onde chegou no início de 1947 e assumiu um trabalho de peleteiro, mal pago. Depois de receber o passaporte polonês, Heniek viajou para o Brasil, com chegada entre o final de 1948 e início de 1949.⁵⁵ Iniciou o trabalho de peleteiro e depois de mascate. Ele constituiu família e foi Presidente da Sherit Hapleitá, Associação Brasileira dos Israelistas Sobreviventes da Perseguição Nazista, do Rio de Janeiro.

Heniek relata, em *O sobrevivente*, que no dia 1 de setembro de 1939, as forças nazistas invadiram a Polônia. Justamente nesse dia, o adolescente e sua mãe foram comprar peixe para a comemoração do *Shabbat*: “Na verdade, ninguém em Lodz poderia imaginar o que estava para acontecer: que a nossa cidade seria invadida e tomada pelos alemães”.⁵⁶

Em 1942, o gueto de Lodz foi declarado “Wohngebiet der Juden”, moradia dos Judeus, e campo de trabalho. Havia uma rotina terrível: os alemães escolhiam uma rua e davam um tiro. As pessoas saíam e eram selecionadas: permanência ou deportação para Chelmno. Heniek e pais viviam em um prédio na rua Gesia, onde havia um quarto camuflado para a família do menino e um casal com um pequeno

⁵⁵ LAKS, 2020, p. 164.

⁵⁶ LAKS, 2020, p. 26.



nenê, o qual, durante uma entrada violenta dos nazistas (Razia), morreu, acidentalmente, sufocado por cobertores:

Enquanto eu viver, enquanto eu puder pensar, guardarei esses fatos na minha memória. Eu tinha apenas treze anos. Aquele dia era Iom Kipur do ano de 1942. Os nossos sábados e feriados religiosos eram datas especialmente eleitas pelo inimigo para desferir os maiores golpes contra nós.⁵⁷

Considerações finais

As reminiscências religiosas das narrativas, acima mencionadas, são temas do estudo, “Sobreviventes jovens do Holocausto - Geve, Mozes Kor e Laks -: Evocações de preces, festas e comemorações judaicas”, cujo objetivo foi a apresentação de elementos religiosos e socioculturais da paisagem judaica, vinculados à música e à dança, elementos estéticos e recreativos (Durkheim), que remetem a estados de euforia coletiva e de confraternização.

Thomas Geve mencionou a tradição da Torá e a urgência de um enterro simbólico e concreto de muitos rolos dela, diante de terríveis atitudes antissemitas, bem como a visão maravilhosa do envolvimento coletivo, em tempos sombrios, de grupos ao som e ao ritmo da dança *Horah*, no campo de detenção da Grosse Hamburger Strasse, em Berlim.

Eva Mozes Kor recordou-se das preces, *Kaddish* e *Shemá*, pronunciadas pelo seu pai, respectivamente, antes e durante a fatídica viagem de trem para Auschwitz, além da profunda alegria ao reencontrar sua irmã, durante os transtorno do início da Marcha da Morte: um estado de euforia que se assemelhava aquele sentido no dia do *Hanukah*. Seu contentamento aumentou ainda mais, quando estava com sua irmã Míriam, em Israel, e *nokibuts* dançou a *Hora* e entoou *Hava Nagila*.

Aleksander Henryk Laks lembrou-se de dois fatos, vinculados à tradição judaica, e que deixaram lembranças horripilantes de sua trajetória, em Lodz, durante o terror alemão: do 1 de setembro de 1939, o dia da invasão dos nazistas na Polônia, no qual ele tinha ido com a mãe comprar peixe para celebrar o *Shabbat*; e do dia da comemoração do *Iom Kipur*, em 1942, no qual o rapaz, a genitora e um casal estavam escondidos em um quarto camuflado e o nenê morreu sufocado acidentalmente, com o seu cobertozinho, durante uma *razzia* dos guardas nazistas.

Pessach (Páscoa judaica), *Iom Kippur* (dia do Perdão) e *Rosh Hachaná* (Ano Novo), além da canção, *Hava Nagila* (“Alegremo-nos”), e da dança coletiva circular, *Hora*. O estudo, baseado na perspectiva do testemunho (Seilmann- Silva) e da memória (Halbwachs), apoia-se também nas concepções de ritual e festa (Durkheim).

⁵⁷ LAKS, 2020, p. 63 e 64.



As narrativas memorialísticas da menina romena Eva, e dos adolescentes, o alemão Thomas e o polonês Aleksander, revelam testemunhos de pessoas muito jovens, que sobreviveram às barbáries nazistas, nos anos 1943 a 1945. Trata-se de memórias coletivas (Halbwachs), de um “excesso de realidade” (Seligmann-Silva) de judias e judeus da Alemanha, da Polônia e da Romênia que sobreviveram ao Holocausto, ao Shoah, e legaram um testemunho escrito sobre o horror para a eternidade.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Tradução de Silvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

DECLARAÇÃO DE BALFOUR (1917). Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o_Balfour_\(1917\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o_Balfour_(1917))>. Acesso em: 04 abr. 2024.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Pereira Neto; revisão de José Joaquim. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ENCICLOPEDIA DO HOLOCAUSTO. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/introduction-to-the-holocaust>>. Acesso em: 04 abr. 2024.

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Tradução de Fábio Kataoka. São Paulo: Editora Geek, 2021.

GEVE, Thomas. *O Menino que Desenhou Auschwitz: Uma Poderosa História Real de Esperança & Sobrevivência*. Prefácio de Stephen D. Smith. Introd. de Thomas Geve. Notas de Charles Inglefield. Tradução de Alberto Streicher. Rio de Janeiro: Alta Books, 2023.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

KOLATCH, Alfred J. *Jüdische Welt verstehen. Sechshundert Fragen und Antworten*. Wiesbaden: Fourier Verlag, 1996.

LAKS, Aleksander Henryk; SENDER, Tova. *O sobrevivente: memórias de um brasileiro que escapou de Auschwitz*. Apresentação do Pe. Jesus Hortal Sanches. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

LANGHE, Nicholas de. *Jüdische Welt: Kunst, Geschichte und Lebensformen*. Augsburg: Bechtermünz Verlag, 1997.

MACIAS KAPÓN, Uriel; ROMERO CASTELLÓ, Elena. *Die Juden in Europa. Geschichte und Vermächtnis aus zwei Jahrtausenden*. Tradução de Gina Beitscher. Augsburg: Bechtermünz Verlag, 1996.



MOZES KOR, Eva; BUCCIERI, Lisa R. *As gêmeas de Auschwitz: a inspiradora história de uma jovem garota sobrevivendo ao inferno*. Posfácio de Peggy Tierney. Nota de Lisa R. Buccieri. Tradução de Saulo Kriger. São Paulo: Faro Editorial, 2023.

ORGANIZAÇÃO TODT. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_Todt>. Acesso em: 04 abr. 2024.

RUZICKOVA, Zuzana; HOLDEN, Wendy. *Cem milagres: como a música me ajudou a sobreviver ao Holocausto*. Tradução de Claudio Carina. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 59-88.

TRABALHO FORÇADO NA ALEMANHA NAZI. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_for%C3%A7ado_na_Alemanha_Nazi>. Acesso em: 04 abr. 2024.

WIESENTHAL, Simon. *Jeder Tag ein Gedenktag: Chronik jüdischen Leidens*. 2ª ed. Gerlingen: Bleicher, 1989.

Enviado em: 07/03/2024

Aprovado em: 25/03/2024